

A Escravidão Anunciada: Os Anúncios de Jornais do Séc. XIX¹

Giovana Laudares Lopes Daldegan²

Pablo Moreno Fernandes³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas

Resumo

O presente trabalho analisa os anúncios apresentados na obra “O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX” (1979), de Gilberto Freyre. A obra discute os classificados sobre pessoas escravizadas nos jornais brasileiros do século XIX. A pesquisa busca, a partir da discussão do material, problematizar o mito da democracia racial e a discussão teórica da obra, que suaviza as violências da escravidão, buscando compreender sua manifestação nos discursos publicitários dos classificados.

Palavra-chave: publicidade; anúncios; escravidão; mito da democracia racial; comunicação.

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é frequentemente abordada através de diferentes perspectivas analíticas. O presente trabalho integra projeto de pesquisa que analisa criticamente as formas como a escravidão foi retratada nos anúncios de jornais do século XIX, investigando a obra de Gilberto Freyre “O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX” (1979). A partir de reflexão crítica ao mito da democracia racial (Gonzalez, 1982; 1984; 2020), o objetivo aqui é caracterizar a obra, seu contexto diante do pensamento social vigente e apresentar os anúncios classificados sobre o comércio de escravizados utilizados por Freyre como exemplos ilustrados.

O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX (1979), é um livro no qual Freyre utiliza os anúncios de jornais do período para refletir como a escravidão foi estruturada e naturalizada nas relações cotidianas. Embora sua análise revele o lugar da escravidão como prática de consumo na constituição das relações sociais e do estado brasileiro, Freyre (1979) adota uma perspectiva que reforça a crença em uma escravidão brasileira mais sutil, em comparação com outros contextos americanos da época.

¹ Trabalho apresentado na IJ02 – Publicidade e Propaganda, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, bolsista do Pibic CNPq, email: giovanadaldegan05@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, Doutor em Ciências da Comunicação, email: pablomoreno@gmail.com.

Os anúncios foram analisados como material capaz de retratar o espírito do tempo da época. Freyre os considera expressões culturais do século XIX, sendo vistos como mais do que apenas o registro de transações comerciais, mas também como documentos sociais ricos em detalhes simbólicos, capazes de oferecerem um aproveitamento para uma análise antropológica.

Apesar disso, o autor contribui para a perpetuação da narrativa de uma escravidão paternalista e menos violenta, na qual até mesmo situações de abuso sexual cometidos por senhores são apresentadas como relações românticas e como formas de integração, ignorando a assimetria de poder e a coerção sexual que permeavam essas dinâmicas. Os pontos argumentados como marcos de uma escravidão brasileira com uma maior integração dos negros na sociedade, desconsideram os mecanismos de exclusão e marginalização impostos à população negra após a abolição, que continuam a estruturar desigualdades socioeconômicas e raciais no país.

Ao comentar as dinâmicas entre senhores e escravas, Freyre exemplifica sua perspectiva sobre o caráter afetivo que, por vezes, atribui a essas relações:

Houve, é certo, senhores que se portavam com os escravos com brandura, e não faltaram casos de confiança mútua, companheirismo ou amizade. Entre senhor e escrava, conhecemos histórias de relações amorosas estáveis e duradouras. Mas estamos, creio eu, diante de exceções, e mesmo assim condicionadas por uma violência fundamental: um era propriedade alienável do outro e estava, por isso, sob seu quase absoluto domínio. (Freyre, 1979, p. 8)

Essa afirmação revela uma contradição central no pensamento do autor: ao mesmo tempo em que reconhece a violência estrutural que permeava essas relações, Freyre as apresenta sob um viés afetivo, como se fossem exceções toleráveis ou até positivas dentro do sistema escravocrata. Ao denominar como "amorosas" as relações, as quais a desigualdade e a possibilidade de coerção eram inerentes, entre senhores e escravas, ele contribuiu para uma leitura romantizada e ambígua da escravidão no Brasil, apagando as marcas do estupro sistemático, da dominação e da desumanização dos corpos negros. Este tensionamento entre o reconhecimento da violência e sua relativização está no cerne das críticas contemporâneas ao mito da escravidão “branda” e à ideia de harmonia racial promovida por Freyre.

Ao contrário da visão romantizada de Freyre, pensadoras como Lélia Gonzalez (1982; 1984; 2020) desenvolvem uma crítica contundente ao mito da democracia racial, que sustentou, por décadas, a ideia de que no Brasil existiria uma convivência harmoniosa entre negros, indígenas e brancos. Para Gonzalez, essa narrativa não só invisibiliza a violência histórica e cotidiana vivenciada pela população negra, como também serve como instrumento ideológico para a manutenção das estruturas racistas e sexistas que marcam profundamente a sociedade brasileira. Sua análise demonstra que a mestiçagem, frequentemente exaltada como símbolo de harmonia, foi, na verdade, fruto de processos sistemáticos de violência colonial, exploração e dominação, sobretudo dos corpos das mulheres negras e indígenas. Como aponta a autora, o racismo brasileiro se caracteriza por um “processo de naturalização que mascara a violência das relações raciais” (Gonzalez, 1984, p. 224).

No ensaio *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, Gonzalez aprofunda essa crítica ao evidenciar que o racismo no Brasil é atravessado por uma lógica de gênero, na qual as mulheres negras ocupam um lugar específico dentro da hierarquia social. Ela denuncia que a construção da identidade nacional brasileira foi diretamente alimentada pela naturalização da violência sexual contra mulheres negras, que, desde o período escravocrata, foram hipersexualizadas e vistas como corpos disponíveis para a satisfação do desejo dos senhores. Nesse sentido, Gonzalez (1984, p. 226) afirma que a cultura brasileira se formou “às custas da exploração do corpo da mulher negra”. Assim, práticas como o estupro sistemático das mulheres negras não apenas foram apagadas do discurso oficial, como também ressignificadas em narrativas como a de Freyre, que transformam relações de dominação em laços “amorosos”.

Dessa forma, a autora propõe uma análise que articula raça, gênero e classe para desmascarar a falácia da democracia racial, apontando como ela funciona como um dispositivo de apagamento da violência estrutural contra a população negra, especialmente contra as mulheres negras. Gonzalez (1984, p. 224) deixa claro que “o mito da democracia racial [...] contribui para a manutenção da dominação racial e sexual”. Para ela, essa intersecção entre racismo e sexismo não se encerra no período colonial ou na escravidão, mas se projeta nas desigualdades contemporâneas, nas formas de marginalização, na erotização dos corpos negros e na precarização da vida da população negra no Brasil. Sua proposta, portanto, rompe com as leituras conciliatórias

do passado e afirma a necessidade de compreender os processos de opressão de maneira interseccional e crítica, questionando diretamente perspectivas como a de Freyre, que contribuem para a manutenção de mitos fundadores do racismo brasileiro.

APRESENTAÇÃO DOS ANÚNCIOS

Para aprofundar a análise proposta, este trabalho se dedica à observação dos anúncios ilustrados na obra “O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX” (1979). Todas as imagens coletadas correspondem às reproduções gráficas que o próprio Gilberto Freyre disponibiliza ao longo do livro, identificadas como Figuras. Esses registros visuais, compostos por recortes de jornais do século XIX, não apenas complementam as análises textuais do autor, como também revelam, por meio da iconografia, a materialização simbólica da lógica escravocrata. Como analisa Vander Casaqui (2007), é possível compreender esses anúncios não apenas como registros históricos, mas também como manifestações precoces da linguagem publicitária no Brasil, ainda que inseridas em um contexto de brutalidade e dominação. Cada anúncio analisado carrega expressões linguísticas e classificações que refletem tanto os processos de desumanização dos sujeitos negros quanto os valores e mentalidades da sociedade escravocrata brasileira, funcionando como documentação visual e discursiva daquele contexto histórico.

Na Figura 1, três anúncios classificados analisados por Freyre são apresentados. Pode-se perceber nos materiais a descrição física das pessoas, enfatizando atributos como cicatrizes (resultantes dos trabalhos forçados ou dos castigos físicos), abordando uma ideia de rebeldia sobre essas pessoas que fugissem, como se o tratamento que recebessem de seus senhores não justificasse a fuga.

Na figura 2, mais três anúncios são mencionados. Eles abordam, assim como o terceiro anúncio da Figura 1, a naturalidade com a qual o comércio das pessoas era tratado, indicando os estabelecimentos onde eles eram vendidos e inclusive a realização de leilões, para vendas de escravizados em grandes quantidades. Também se percebe, no material, a revelação de estratégias dos próprios escravizados para fugir, como andar com cartas falsas de alforria, o que permite o questionamento se as vítimas da escravidão consideravam, de fato, aquele sistema menos violento. Novamente, no terceiro anúncio, fala-se em características físicas, enfatizando marcas corporais,

resultantes dos maus tratos e castigos. Outro destaque que aparece nesses anúncios é a habilidade das pessoas escravizadas anunciadas.

50\$000 DE GRATIFICAÇÃO



FUGIO de Francisco Antonio Ribeiro, de sua chacara do rio Cumprido na villa de Serra huma sua escrava de nome Benedita altura baixa, cor de formiga com dois dentes tirados na frente, com nica cicatriz debaixo do queixo, muito civilisada, e com um dedo da mão direita aleijado por ter soffrido de um panariso, desconfia-se andar pelos certões da mesma villa ou por esta cidade procurando essas pessoas que costumão dar asilo a escravos fogidos para os comprar por força e a troca do barato: quem della der noticia pegalla, metella na cadeia, ou entregala nesta cidade ao Sr. Antonio Francisco Ribeiro, ou na villa da Serra a seu Sr. sera gratificado com a quantia acima, e protesta-se com todo rigor das leis contra quem a tiver acoitado

PROTESTA-SE com todo rigor das leis contra quem tiver dado, e der coito a escrava do abaixo assignado, fugida de seo poder na freguezia do Queimado desde 7 de fevereiro do corrente anno: e gratifica-se, conforme a trabalho da captura, á quem a prender, e levar ao dito seo senhor ali, ou mete-la nas cadeas da capital. Essa escrava chama-se Roza, he parda, magra, baixa, anda sempre de vestido, porque foi creada no mimmo, tem cabello de pico, um tanto estrado hoje á força de pentes, cose de grosso, e he boa rendeira. Levou uma filha de sua cõr, que terá pouco mais de anno de idade.

O padre Duarte

— Vende-se um mulato de 22 annos de idade, bom alfaiate, e bom boloeiro, e um negro tambem da mesma idade, e um negra de meia idade, que cozinha muito bem, e coze, de muito boa conducta, e outra negra de 22 annos, que cozinha muito bem: na rua do Livramento n. 4.

Figura 1 - Anúncios analisados da obra de Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

— O agente Borja, em seu armazem na rua do Collegio n. 46, fará leilão de diversos escravos de ambos os sexos, moços, e de meia idade, alguns dos quaes com diferentes habilidades; achar-se-ão patentes no referido armazem, no dia do leilão, ao exame dos senhores pretendentes: terça-feira 7 do corrente, as 11 horas da manhã.



Fugio no dia 4 de outubro de 1857, da chacara n. 5 da rua do Marahy, em S. Christovão no Rio de Janeiro um escravo do senador Alencar, de nome Luiz Telles, pardo escuro: tem de 40 annos para cima mal encarado e falta de dentes na frente, tem uma enrugna na testa, andar apressado e passadas curtas, finge-se ás vezes doido, tem falla tremula, com vizos de estuporado; e muito ladino e astucioso, anda com cartas dizendo que vae com ellas apadrinhado apresentar-se a seu Sr. inculca-se pedestre algumas veses. Quem o apprehender, e fizer delle entrega aonde possa ser recolhido a cadeia para ser entregue a seo Sr. recebera 40\$rs. de gratificação, alem das despesas; cerá tudo pago a quem nesta Tipographia o apresentar com o competente documento.

— Fugio no dia 2 de julho, do engenho do abaixo assignado, um negro por nome José Calabar, idade 60 annos, alto, cabeça branca, a roda das orelhas pretos, meio cambito das pernas, levou um cavallo rodado, grande, novo, tem o beijo de baixo grande, ripado de novo. Este negro he bem conhecido por ter sido carneiro nos arrabaldes do Recife, assim como já foi o Mangunho. Foi escravo do Sr. coronel Francisco José da Costa: roga-se a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a apprehensão do dito escravo, e o levem a Albino José Ferreira da Cunha, na rua do Queimado, ou neste engenho das Matas.

Antonio de Paula Souza Leão.

Figura 2 - Anúncios analisados da obra de Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

Na figura 3, temos dois anúncios. O primeiro traz uma curiosidade por aproveitar o espaço de um mesmo anúncio para tratar de um desaparecimento/fuga, enquanto oferece o aluguel de pessoas escravizadas para o trabalho em obras de ferrovias. O segundo anúncio alerta sobre a fuga de um homem escravizado, destacando, novamente, dentre as características, a falta de um dedo, resultante de maus tratos ou das condições de trabalho.

Após analisarmos as três primeiras figuras apresentadas, é possível percebermos os aspectos visuais e descritivos dos anúncios, que expõem a imagem de escravizados através de características físicas, habilidades e, muitas vezes, marcas de castigos e violência. Entretanto, o autor reafirma sua interpretação de que as relações escravistas no Brasil estariam distantes de uma lógica de brutalidade sistemática. Freyre afirma, logo após as primeiras imagens, que “E como essa história é até o fim do século, em grande parte, a história do escravo explorado, aliás com certa suavidade — porque o Brasil nunca foi um país de extremismos, [...]” (Freyre, 1979, p. 15). Essa declaração

reforça o que já foi discutido ao longo deste artigo: a insistência de Freyre em construir uma narrativa que relativiza a violência da escravidão brasileira, sustentando a ideia de uma convivência pautada na suposta ausência de extremos, o que, na prática, colabora para o apagamento das dimensões mais profundas da violência racial que estruturaram a formação social brasileira.

Na figura 4, apenas um único anúncio é apresentado. Ele relata a fuga de dois escravizados. Nesse, chama atenção que em ambos suas habilidades são destacadas, tal qual se percebeu na figura 2. Ambos os anúncios destacam, também, estratégias utilizadas pelos escravizados para não serem presos, como a mudança de nome e a identificação como alforriados.

— Desapareceu na noite de 2 do corrente mez, de julho, uma mulata de nome Rosa, com os signaes seguintes: alta, de boa estatura, corpo reforçado, tem uma cicatriz bem visível no queixo do lado esquerdo, cor alvacentia e meia desbotada, cabelos meio carapinhos e cortados, idade de 25 annos pouco mais ou menos, com uma cicatriz de queimadura um pouco apagada no braço direito, levou argolas de ouro nas orelhas, um roupão de riscado de quadros encarnados, um vestido de cassa amarellela.

— A pessoa que tiver escravos e quizer alugar para trabalhar na estrada de ferro, pagando-se mil rs. por dia, ou mesmo gente forra que se queira a sujeitar, dirija-se a rua estreita do Rosario n.23, segunda andar.

Escravos Fugidos.
ATENÇÃO.

Fugio desde o dia 13 de agosto do corrente anno o escravo Luiz, com os signaes seguintes: alto e bem feito de corpo, tem dentes limados e perfeitos e o dedo mínimo do pé cortado; quando falla com medo é bastante gago. Este escravo é natural do Sobral e ha toda certeza que seguio para dito lugar por terra, pede-se por tanto a sua apprehensão a qualquer pessoa, que será bem recompensado; a ntender-se com o seu senhor na rua Direita n. 112, ou na rua de Apollo n.43, armazém de assucar.

Figura 3 - Anúncios analisados da obra de
Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

Escravos Fugidos.
ATENÇÃO.

— Acha-se fugido um mulato cabra de nome Ray-mundo Patricio, official de pedreiro e barbeiro, foi remetido do Pará em abril de 1859 pelo Sr. Manoel Joaquim de Faria, o qual foi aqui vendido ao Sr. Feliciano José Gomes, e este senhor vendeu ultimamente ao Sr. Francisco Mathias Pereira da Costa, tem os seguintes signaes: estatura regular, bastante grosso e barbado, olhos amarelados, falla com desembaraço, representa ter 35 a 40 annos: roga-se as autoridades policiaes a sua apprehensão: e quem o pegar, dirija-se ao engenho Guerra, em Ipojuca, ou na rua do Imperador n. 79, escriptorio de Polycarpo José Layme, ou na rua de Apollo n. 30, escriptorio de Manoel Gouveia de Souza, que será generosamente recompensado.

50 \$ de gratificação.

Continúa a estar fugido desde o dia 4 de abril proximo passado o preto de nome Felix, com idade de 35 a 40 annos, de nação Mossambique, e tem os signaes seguintes: estatura baixa, cor fula, pés um pouco apalhetados, tem um calombinho entre a sobrancelhas por cima do nariz, que parece ser signal da terra delle; este preto tem servido em diferentes artes, pescador, canoeiro, calador, trabalhador de campo, e hoje é padeiro, a que pertence; foi escravo do Sr. Manoel Francisco Duarte, e quando foge costuma mudar o nome para João, e intitula-se forro, tem sido visto nos arrabaldes desta cidade da estrada de Beberibe em direcção até a matriz d Varzea: portanto roga-se a todo e qualquer que o encontrar ou delle souber, que o pegue e leve-o ao pateo da Santa Cruz, padaria n. 6, que receberá a gratificação acima; assim como se protesta contra quem o tiver acoutado.

Figura 4 - Anúncios analisados da obra de
Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

Na figura 5, mais dois anúncios são mostrados. Nesse, um senhor procura uma pessoa escravizada para comprar, uma mulher, destacando as habilidades que desejava. No segundo, três pessoas escravizadas, de diferentes idades, estão à venda. No texto, destaca-se o fato de o anunciante informar que uma das mulheres à venda está com condições de venda especiais, o preço mais barato.

Por fim, a figura 6 mostra um único e grande anúncio, apresentando a “Casa de Comissão de Escravos” localizada na Rua Larga do Rosário, nº 20, no segundo andar, onde escravizados são recebidos para serem vendidos por comissão em nome de seus senhores. Além disso, o anúncio também divulga a venda de um sítio com duas casas, sendo uma de pedra e cal, onde funciona uma padaria lucrativa.

A análise dos anúncios evidencia a brutalidade da escravidão, tratando pessoas como mercadoria, prática que foi naturalizada durante os processos coloniais implantados pela Europa nas Américas, utilizando mão de obra sequestrada do continente africano. A escravidão desumanizou a população negra, sequestrada do continente africano, sendo transformada em mineral-metal-moeda (Mbembe, 2018) na constituição das colônias europeias na América.

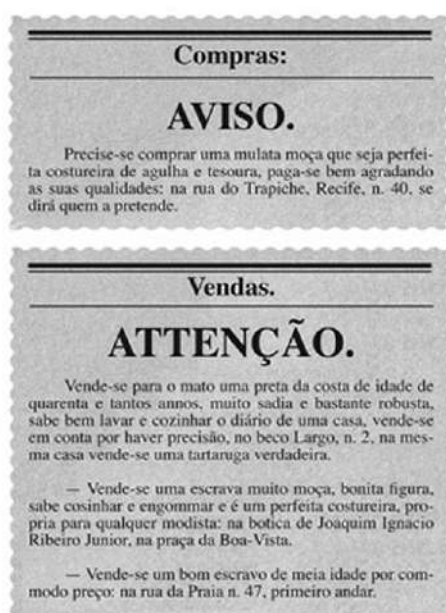


Figura 5 - Anúncios analisados da obra de Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

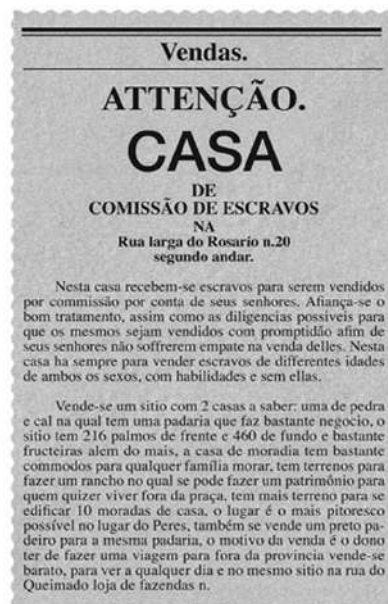


Figura 6 - Anúncios analisados da obra de Gilberto Freyre
Fonte: Freyre, 1979

Ao observar em conjunto as figuras apresentadas, percebemos temas focados em anúncios de compra e venda de escravos e anúncios de escravizados fugidos. Ao analisar a forma de descrever os corpos negros nessas passagens, torna-se evidente a diferença de abordagem em relação à forma como os sujeitos são descritos. Enquanto os anúncios de venda tendem a valorizar os "atributos" do escravizado como se fossem

características de uma mercadoria, destacando, por exemplo, habilidades como “perfeita costureira” e aparência física de “bonita figura” (figura 5), os anúncios de fuga revelam mais diretamente os traços da violência e da opressão. Nestes últimos, são comuns menções a marcas de castigo e cicatrizes, como “cicatriz bem visível no queixo” (figura 3) e “um dedo da mão direita aleijado” (figura 1), além de defeitos físicos, tentativas anteriores de fuga ou mesmo o uso de termos pejorativos, como “cor de formiga” (figura 1). Esse contraste ilustra como os anúncios de venda operam uma linguagem de apagamento da violência, reforçando o discurso da naturalização da escravidão e da suposta utilidade do escravizado, enquanto os de fuga, ao buscar recuperar a posse do “bem perdido”, revelam com mais crueza a brutalidade do sistema escravocrata. A comparação entre esses dois tipos de anúncio permite compreender como a desumanização estava articulada não apenas na condição física do escravizado, mas também na forma como sua existência era moldada e comunicada publicamente de acordo com os interesses do senhor.

A propaganda brasileira, desde seus primórdios, esteve ligada à difusão de valores sociais hegemônicos e à naturalização de relações de poder, operando como discurso que molda mentalidades. Ao observarmos os anúncios de escravizados sob essa perspectiva, percebemos como a linguagem publicitária do século XIX já articulava estratégias de valorização simbólica dos “produtos” humanos oferecidos à venda, ocultando, por meio de uma estética da funcionalidade e da moralidade, a violência e a opressão que sustentavam o sistema escravocrata. Como aponta Vander Casaqui, “quando um senhor queria vender um escravo, utilizava palavras que ‘maquiavam’ o ‘produto’, ou seja: utilizava-se a retórica para se tornar a oferta mais atraente.” (Casaqui, 2007, p.52), o que se evidencia na forma como os sujeitos escravizados eram descritos com base em atributos físicos, utilitários e de comportamento, como se fossem apenas mercadorias em bom estado para venda e aquisição entre senhores.

O Brasil, especificamente, foi o país que mais recebeu povos escravizados da África. Estima-se que 4 milhões de pessoas foram trazidas como escravos para cá. Por se tratar de pessoas que viviam em condições sub-humanas, a maior parte delas morreu. Em 1872, por exemplo, a população estrangeira residente no país era de 382.132 pessoas. Desse total, os africanos (os autodeclarados africanos não eram subdivididos

por país, apenas pelo continente) eram 176.057 – quase metade da população –, sendo 37.699 alforriados e 138.358 escravizados (Souza, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o apresentado, revisitar esses documentos e suas interpretações a partir de uma perspectiva crítica torna-se tarefa fundamental. A análise aqui desenvolvida evidencia como a romantização da escravidão, presente na obra de Freyre, opera como um dispositivo ideológico que apaga as marcas da violência racial e sexual que estruturaram a sociedade brasileira, análise em diálogo com as contribuições de Lélia Gonzalez. A insistência do autor em classificar a escravidão brasileira como menos violenta ou mais “suave” não só minimiza a brutalidade dos fatos históricos, como também contribui para reforçar mitos fundadores do racismo estrutural no Brasil, como o da democracia racial e da harmonia entre as raças.

Ao mesmo tempo, a leitura crítica dos anúncios permite compreender como o racismo e o sexismo foram (e continuam sendo) pilares indissociáveis na construção das hierarquias sociais no país. A análise dos anúncios revela não apenas a brutalidade do sistema escravista no Brasil, mas também como a escravidão foi tratada com naturalidade e institucionalizada nas relações sociais, políticas e econômicas do século XIX. A comercialização era amplamente divulgada nos jornais, reforçando a ideia da escravidão como um pilar fundamental da estrutura colonial e imperial do país. As mulheres negras, hipersexualizadas, violentadas e tratadas como mercadorias, ocupam um lugar central na dinâmica da opressão, algo que o pensamento de Gonzalez (1984, p. 226) revela com contundência ao denunciar que a própria formação da identidade nacional se deu “às custas da exploração do corpo da mulher negra”. Além disso, os anúncios analisados operam como peças publicitárias que reforçam a desumanização dos corpos negros ao empregar uma linguagem persuasiva voltada à valorização simbólica do “produto”, como destaca Casaqui (2007). A “maquiagem” da realidade, no contexto da escravidão, significou transformar pessoas em objetos de consumo, encobrindo a violência com uma estética de funcionalidade e docilidade.

Ainda que Freyre reconheça a importância desses documentos como fontes históricas e antropológicas, compreender os anúncios como documentos históricos vai além de reconhecer sua importância como registros de uma prática econômica; é

também um exercício de denúncia das estruturas que sustentaram (e ainda sustentam) a desigualdade racial e de gênero no Brasil. Desnaturalizar leituras conciliatórias do passado, como a de Freyre, é um passo indispensável para romper com os ciclos de apagamento, violência e subalternização que marcam a experiência da população negra até os dias atuais. Esse processo exige, necessariamente, a valorização de epistemologias negras, feministas e latino-americanas, capazes de revelar, com rigor e sensibilidade, as dimensões da opressão que ainda moldam a sociedade brasileira contemporânea.

Sendo assim, torna-se evidente que a escravidão brasileira não foi marcada por relações harmoniosas entre senhores e escravizados, mas sim por exploração, coerção e desumanização sistemática. Os anúncios evidenciam a crueldade do regime escravista e a vigilância constante sobre os corpos negros, demonstrando que as marcas dessa opressão ainda reverberam nas desigualdades raciais e socioeconômicas da sociedade contemporânea, sendo essencial revisitar essas fontes com um olhar crítico, reconhecendo o papel da historiografia na construção de narrativas que podem tanto encobrir quanto revelar as verdadeiras dimensões da escravidão e de seu legado.

REFERÊNCIAS

CASAQUI, Vander. História da propaganda brasileira: dos fatos à linguagem. In: PEREZ, Clotilde e BARBOSA, Ivan Santo (Orgs.) **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces** v.1. São Paulo: Thomsom Learning, 2007. p. 51-90.

FREYRE, G. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. São Paulo, 1979.

GONZALEZ, L. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Ed.Marco Zero Limitada, 1982.

GONZALEZ, L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. São Paulo: Revista Ciências Sociais Hoje (Anpocs), 1984.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Ed.Zahar, 2020.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

POMPEU, B. **De onde veio, onde está e para onde vai a Publicidade?**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

SOUZA, D: População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872. BRASÍLIA: IBGE, 2013.